

A continuação do popular: os jovens do Afoxé Ará Omim e a questão da representatividade.

1

Autora: Gabriela Pimentel de Araújo
UFPE/Brasil

Palavras-chave: Afoxé, representatividade, continuidade.

Resumo

Por cultura popular se faz possível compreender os costumes dos indivíduos que fazem parte da classe trabalhadora da sociedade, cuja principal característica é sua capacidade de ser compartilhada de uma geração para outra a partir da prática e da oralidade. É nesse contexto que podemos perceber que os mais novos aprendem com os mais velhos os ritmos e as manifestações culturais da tradição do grupo sociocultural do qual faz parte. No entanto, durante o processo de aprendizagem, observação e prática, esse mesmo jovem que enquanto criança reproduz o que lhe é ensinado, quando vai crescendo, amadurecendo e entrando em contato com outras experiências passa a questionar e até mesmo deixar de participar das principais manifestações e expressões culturais de seu povo/grupo sociocultural. Dito isto, surge o questionamento acerca da continuidade da prática da cultura popular, no sentido de se ela depende dos jovens e de seu processo de identificação e representatividade com a cultura da qual faz parte para continuar a existir ou não. A partir dessa problematização, o presente trabalho pretende analisar as relações de pertencimento dos jovens com a cultura popular da qual faz parte e como se dão a construção de valores e manutenção da tradição apreendida. Resultando de entrevistas em campo com alguns integrantes do Afoxé Ará Omim, se faz possível identificar a existência de uma relação de pertencimento e valorização da prática de fazer parte de uma manifestação popular de matriz africana e assumir com orgulho o “fazer parte” como integrante desse grupo e continuador da cultura popular de sua comunidade.

¹ “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

Introdução:

Quando falamos em cultura popular, logo pensamos na oposição entre erudito, uma cultura que se caracteriza a partir de uma educação formal, com base na leitura e nos bons modos que fazem parte de um estilo de vida elitizado, e popular, uma cultura que se caracteriza a partir daquilo que podemos considerar enquanto não oficial, pautado na prática da oralidade, dos costumes e tradições que fazem parte do modo de vida do povo. Uma clara relação de classes, que se caracteriza pela prática dos costumes e das tradições do povo.

Para Peter Burke (1989), a cultura popular se classifica a partir da diferenciação entre as práticas culturais, e o modo de vida de uma maneira geral, características dos indivíduos que fazem parte da elite e dos indivíduos que fazem parte da classe trabalhadora dentro da sociedade. Ele discute a definição de cultura no sentido de um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados, bem como suas formas simbólicas.

Com base nessa reflexão, o autor define o conceito de “biculturalidade”, pelo qual expressa o duplo pertencimento do indivíduo, que faz parte da elite, uma vez que ele tem acesso e conhecimento acerca das práticas e costumes tanto da elite, quanto do povo.

Nesse sentido, com base em Martha Abreu (2003), a definição do conceito de cultura popular, diz respeito a uma construção de identidades que possui sua própria história, preserva suas características e tradições, e mostra-se enquanto um sistema simbólico e heterogêneo. Isto é, cada manifestação cultural carrega consigo sua tradição e sua razão de existir, que vai sendo compartilhada e mantida de uma geração para outra. Desse modo, podemos pensar que a manifestação cultural definida enquanto “brincadeira” pelo “brincante” responsável pela prática e manutenção desse espaço de divertimento e tradição, é assim denominado por conta de sua especificidade e sua prática cotidiana.

A partir daí, refletir a definição do brincante no sentido do contexto da cultura popular, permite buscar compreender a definição de indivíduo e sua capacidade de agência para a construção de identidade, do ser que se constitui em relação às práticas culturais do grupo ao qual pertence enquanto sujeito social.

A prática da cultura popular enquanto uma forma de “Brincadeira”:

De acordo com as pesquisas na área da cultura popular se faz possível identificar um elemento característico entre as variadas manifestações culturais, a questão da diversão durante um determinado momento de trabalho em coletividade. Durante minhas pesquisas sobre o coco de roda, percebi que apesar dessa expressão cultural não possuir uma origem definida, todos os relatos e produções acerca dessa questão, destacam que o som, o ritmo, a dança e as músicas são originadas na atividade da coleta e quebra da fruta do coco, bem como outras definições para sua origem, mas que também converge no ponto trabalho.

Para Alceu Maynard Araújo (2007), a “brincadeira” diz respeito ao momento de lazer do trabalhador, corresponde a seu instante de descontração em relação ao trabalho árduo e situação social a qual pertence na sociedade. Para ele, a vida não é só trabalho. É também descanso, lazer. (Araújo, 2007). Uma vez que o ato de vibrar, rir e esquecer um pouco dos problemas contribui também para a formação do povo, aliviando suas emoções.

Outro elemento para identificar a “brincadeira”, enquanto uma forma de prática cultural coletiva, um momento de descontração da realidade é relacioná-la com a prática religiosa, que por si só representa uma cultura formal e erudita, como discute Mikhail Bakhtin (1987) em sua definição de cultura popular, trazendo como principal característica a estética do grotesco, que discute acerca da cultura oficial em oposição a não oficial. Seria a oposição entre o religioso e erudito, que permitiria também a compreensão da definição de “brincadeira” no que diz respeito a prática das manifestações de cultura popular, prática essa, relacionada aos subalternos.

Nessa perspectiva, a partir de observações e análises de acordo com o contexto e com a proposta dessa reflexão, podemos compreender enquanto “brincadeira”, o ato de realizar uma determinada manifestação popular livre das regras do trabalho ou da religião, apenas a dança, a música, o ritmo como um festejo e um divertimento coletivo. Desse modo, a definição da “brincadeira”, dentro do contexto da cultura popular, expressa a relação de algo do cotidiano, do trabalho, do lazer do indivíduo enquanto trabalhador que pratica aquilo que aprendeu na lida com o campo junto com seus pais e avós, tanto na esfera familiar, como na esfera religiosa.

Com base nos diálogos com alguns integrantes de grupos de cultura popular de diferentes manifestações culturais, se denominar “brincante” significa expressar seu lugar de pertencimento dentro do grupo, diz respeito à ancestralidade e tradição daquela manifestação. E definir a manifestação cultural a qual faz parte como “brincadeira” diz respeito ao lazer em comunidade, relacionado com a questão do espaço do grupo, do momento de celebração e comunhão. Levando em consideração que o coco é um momento de festa onde seus participantes cantam, tocam e dançam festejando. Isso é, uma brincadeira, um divertimento. Atualmente se faz possível perceber que as manifestações culturais não são apenas “brincadeiras”, divertimento, são expressões culturais responsáveis por manter uma tradição e dar continuidade passando seus valores de uma geração para outra.

A partir dessa reflexão podemos compreender a definição de “brincadeira”, enquanto aquilo que acontece naturalmente, que faz parte do cotidiano do indivíduo, trabalhar, praticar sua religião e celebrar os momentos da vida com a família e os amigos numa brincadeira no centro da comunidade ou no espaço de sua casa ou na casa de algum amigo ou familiar, dançando, cantando e tocando um coco, um afoxé, uma ciranda, consumindo bebida alcoólica, comendo petiscos tradicionais de sua comunidade e vestindo roupas específicas de comemoração.

Enfim, de acordo com a definição do dicionário a palavra brincadeira é um substantivo feminino que diz respeito a jogo, divertimento, passatempo, definição que corresponde a lazer e distração. No contexto da cultura popular, funciona para expressar a prática de uma ação de celebração e de estilo de vida de indivíduos pertencentes a grupos específicos da sociedade.

O Afoxé Ará Omim:

O Afoxé Ará Omim é uma entidade cultural, constituída enquanto sociedade civil, sem fins lucrativos e de direito privado.

Sua formação ocorreu a partir da união de um grupo de amigos e irmãos de axé que já fizeram parte de outros grupos de cultura popular, e compartilhavam do desejo de dar continuidade às práticas herdadas das tradições populares e de matriz africana.

Foi fundado em 07 de maio de 2014, na casa de axé: Terreiro Ilê Asé Iemanjá Sabá, localizado no vasco da gama - zona norte do Recife, trazendo como orixá patrona a Yá Ori Iemanjá, isto é, trazendo como representante a “Mãe da cabeça”, a senhora do mar, que representa a beleza, a maternidade e o amor, que se caracteriza pelas cores azul e branco, cores que identificam o afoxé.

Situado na zona norte do Recife, sua sede está localizada na rua José Carneiro Lins, nº11, no bairro de Nova Descoberta, Recife/PE onde reside o presidente do Afoxé, Lourival Santos, responsável por guardar os materiais do grupo como instrumentos e figurinos. Seus ensaios são realizados na associação dos moradores do alto treze de maio - vasco da gama - Recife/PE, por meio de uma parceria entre o responsável pelo grupo e o líder comunitário. O espaço da associação permite a realização dos ensaios do grupo, bem como a realização de oficinas de dança e percussão oferecidas para a comunidade.

De acordo com o material de apresentação do grupo disponibilizado pelo presidente da entidade cultural, Lourival Santos, a finalidade do afoxé é difundir e valorizar as riquezas culturais e religiosas das tradições de matriz afro-descendentes, cujo objetivo visa contribuir positivamente para a aproximação entre esses elementos e a comunidade.

Levando em consideração a importância de oferecer oficinas de percussão, canto, dança e confecção de instrumentos e adereços, disponibilizando não apenas o que é ofertado, mas viabilizando também a discussão acerca de temáticas como sexualidade, gênero, diversidade, meio ambiente, preconceitos e racismo, discussões fundamentais para a formação do indivíduo, enquanto cidadão. O mecanismo utilizado pelo grupo é a prática da arte - educação, que consiste em educar por meio da arte, utilizando-se de rodas de diálogos e experiências de vida.

Enfim, a missão do afoxé é disponibilizar e compartilhar com a comunidade um trabalho artístico e sociocultural de conscientização, valorização e respeito em relação às heranças africanas e toda sua história de luta e tradição trazida pelos negros escravizados. Ajudando assim, na construção de uma sociedade mais justa, consciente e menos preconceituosa. Uma vez que o grupo acredita e defende o poder da transformação que a arte - educação e a cultura são capazes de realizar a partir da informação e do conhecimento compartilhado.

Dito isto, a Entidade Cultural Afoxé Ará Omim, se caracteriza por desenvolver um trabalho com crianças, adolescentes, jovens e adultos da sua comunidade, buscando

incentivar em seus componentes a construção de uma identidade sociocultural e de autoafirmação de sua negritude.

Desse modo, mesmo se tratando de um grupo recém formado, o afoxé já se constitui sabendo com quais mecanismos precisa lidar e por quais caminhos deve seguir. Tal conhecimento possibilitou que ainda em 2015, apesar de seu pouco tempo de existência, ele se expandisse e passasse a receber integrantes de outras localidades da região metropolitana do Recife, além do Vasco da gama, como: Água fria, Campina do Barreto, Jordão, Ibura, Dois Irmãos, Pau Amarelo, Olinda, entre outras.

Desde então, crescendo no que diz respeito ao quantitativo de pessoas para fazer parte do grupo, a entidade vem figurando entre os grandes afoxés do estado, contando com o apoio e os serviços de uma produção cultural que lhe viabiliza se fazer presente na programação oficial do carnaval de Recife e do governo do estado, por meio de editais e convocatórias. Isto é, a produção cultural nesse caso, se responsabiliza por juntar documentação, negociar pagamento de cachê, organizar comprovações, preencher formulários e responder aos editais e convocatórias abertos para a participação dos grupos de cultura popular nos eventos culturais do estado.

A questão da representatividade e a continuação do “popular”:

A partir da minha relação com grupos de cultura popular, tanto na condição de participante, como na condição de espectadora, quanto na condição de pesquisadora, se fez possível perceber durante o processo de observação e interação com os integrantes dos grupos de cultura popular, acerca do processo de profissionalização dos grupos de cultura popular, como foi o caso do Bongar - objeto de estudo para a realização do trabalho de conclusão do curso de ciências sociais - e o processo de adaptação e capacidade de agência desses grupos em relação às políticas públicas de cultura, como é o caso do Afoxé Ará Omim - objeto de estudo para a realização da dissertação do mestrado em antropologia - que a relação entre grupo de cultura popular e administração pública, responsável pelas políticas públicas de cultura exige dos indivíduos que constituem o grupo de cultura popular, uma série de responsabilidades, que não é mais o “tocar” e “executar” a prática cultural

apreendida, enquanto tradição e divertimento, mas sim, lidar com as burocracias do sistema e conseguir negociar seu espaço e manter sua tradição.

Nessa perspectiva, a categoria “brincante”, resultante do trabalho de campo que vem sendo realizado dentro do cenário da cultura popular com alguns grupos de segmentos diferentes - a partir de uma relação de construção de identidade, representatividade, preservação e continuidade. Proporciona a sua compreensão, a partir da definição de um indivíduo que “age em relação”, tomando como base a definição de agência defendida por Tim Ingold.

Dito isto, investigar a relação de pertencimento e representatividade do indivíduo em relação às manifestações culturais da qual faz parte. Problematizando assim, o porquê de fazer parte da “brincadeira” e seguir dando continuidade a tradição, buscando identificar como as modificações e o processo de profissionalização exigidos constantemente pelo sistema interfere na construção de identidade do indivíduo.

Isto é, a cultura popular precisa dos jovens, de seu interesse e participação para continuar a existir e para isso se faz necessário um processo de identificação e pertencimento dos jovens para com a cultura popular. Formar os jovens e passar-lhes a tradição de sua comunidade de origem, permite a cultura popular a oportunidade de seguir existindo.

Uma vez que antigamente os jovens cresciam com seus pais e avós compartilhando da tradição e fazendo parte por vontade própria ou não, garantindo assim a prática e continuidade de tal manifestação cultural. Hoje em dia, para um mestre ou líder de grupo de cultura popular manter um jovem de sua comunidade participando de um grupo exige um esforço muito grande. Pois o jovem precisa ser cativado, precisa haver representatividade e vontade própria para participar do grupo. Regras, proibições e exigências afastam os jovens de maneira geral, mas convidá-los e permitir-lhes fazerem o que gostam proporciona continuação do grupo e manutenção da tradição mesclado com a inovação da atualidade.

Considerações finais:

Enfim, a cultura popular se caracteriza pelo processo de compartilhamento através da oralidade da prática, costumes e manifestações do povo, considerados enquanto tradicionais, característicos e específicos. No entanto, apesar de ser repassada, não significa dizer que existirá para sempre. Levando em consideração que cada indivíduo possui suas próprias vontades e estilos de vida.

A partir daí, o presente trabalho buscou refletir acerca do processo de pertencimento e continuação dos grupos de cultura popular, com base no trabalho de campo, por meio de observação e diálogos com os integrantes dos grupos. Levando em consideração o meio social onde os jovens se desenvolvem, consumido várias produções culturais e muitas vezes menosprezando a sua.

Destacando assim, a importância dos jovens para a manutenção do popular, a necessidade de ensiná-los a preservar, valorizar, respeitar e cuidar de sua tradição. Viabilizando-lhes participar por vontade própria e experimentar novas formas de praticar a tradição cultural que lhe foi ensinada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. in: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. Ensino de história, conceitos, temáticas e metodologias. Rio de Janeiro, casa da palavra, 2003.

ARAÚJO, Alceu Maynard. Cultura popular brasileira, São Paulo, Martins Fontes, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais, São Paulo, HUCITEC, 1987.

BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna, São Paulo, companhia das letras, 1989.